

COLEÇÃO FUNDAÇÃO LEAL RIOS

ARTISTAS: ALBERTO CARNEIRO / ANTHONY MCCALL / BECKY BEASLEY / DETANICO LAIN / JOANA ROSA
/ JOÃO BISCAINHO / RUI CHAFES CURADORIA: DAVID REVÉS

A Fundação Leal Rios - FLR é uma instituição portuguesa de direito privado que tem como objetivos primordiais a divulgação, manutenção, preservação e promoção das obras e dos artistas representados na coleção de arte contemporânea, iniciada pelos irmãos Manuel e Miguel Leal Rios em 2002, tendo Miguel Leal Rios assumido o papel de curador e diretor a partir de 2012, data da sua instituição.

Localizada em Lisboa, numa antiga oficina automóvel, especificamente recuperada e adaptada para o efeito pelo Arq. Alexandre Marques Pereira, a coleção da Fundação Leal Rios está acessível ao público através da realização de exposições temporárias, de eventos e do desenvolvimento de atividades complementares, como *workshops* e *talks*, por forma a contribuir para um melhor entendimento e conhecimento da arte nacional e internacional.

Entre os muitos artistas portugueses representados na coleção podemos encontrar um importante núcleo de Helena Almeida (n. 1934), pioneira na arte fotográfica e conceptual portuguesa, mas também de outros autores como Lourdes Castro (n. 1930) fundadora do Grupo KWY em Paris e cuja obra mais reconhecível são os trabalhos a partir de sombras e silhuetas; Julião Sarmento (1948-2021), autor fundamental que desde a década de 70 recorria ao uso de múltiplos *media* com uma rara unidade visual e de pensamento; ou ainda artistas mais novos como Joana Escoval (n. 1982), André Romão (n. 1984) ou Henrique Pavão (n. 1991).

A coleção inclui também núcleos de obras importantes de artistas internacionais como Erwin Wurm (n. 1954, AT), Matt Mullican (n. 1951, US), Cristina Iglesias (n. 1956, ES), Muhau Modisakeng (n. 1986, ZA), Lawrence Weiner (n. 1942, US), Jorinde Voigt (n. 1977, DE), Joël Andrianomearisoa (n. 1977, MG), Becky Beasley (n. 1975, GB), Tristan Perich (n. 1982, US) ou :mentalKLINIK (TR). Além dos *media* mais convencionais como a pintura, escultura, desenho ou fotografia, a coleção é particularmente focada no vídeo, instalação e *time-based-media*.

Casa da História Judaica

A grande sinagoga de Elvas situava-se, muito provavelmente, na Rua dos Açougues, num edifício que foi adaptado pela Câmara de Elvas a açougue público no início do séc. XVI.

As pistas que nos revelam que este edifício foi outrora uma sinagoga são várias: está no centro da Judiaria Velha, a sua arquitetura é muito parecida à de uma sinagoga do séc. XV, tem água próxima (essencial para o culto) numa cisterna situada no Pátio da Amoreira à entrada da Rua dos Azevedos; por outro lado, a transformação de sinagoga em açougue é muito usual, feita para conspurcar com sangue e sujidade aquele que era um local sagra-

do. Se esta teoria se confirmar, trata-se da maior sinagoga medieval de todo o país.

No ambiente de uma das antigas judiarias de Elvas, a Casa da História Judaica, implementada na provável grande sinagoga de Elvas, ambiciona recriar este espaço religioso num edifício dotado de grandes naves góticas medievais. Para além desta recriação existirão também núcleos sobre a história da comunidade judaica e cristã-nova de Elvas, bem como sobre a história de uma das famílias cristãs-novas mais proeminentes: os Correiio-Mor, descendentes diretos de Abraham Sénior, tesoureiro real e conselheiro de Fernando e Isabel, os reis católicos de Espanha, os Botafogo, os Orta e outros.

Abluções

Em resposta ao desafio de ocupar a Casa da História Judaica de Elvas, a exposição *Abluções* reúne um conjunto de obras da *Coleção de Arte PLR – Fundação Leal Rios*, da autoria de artistas portugueses e estrangeiros de diferentes gerações e geografias, representativas da ética curatorial e dos horizontes estéticos que têm orientado a composição da coleção desde as suas primeiras aquisições, iniciadas em 2002 pelos irmãos Manuel e Miguel Leal Rios.

No centro da antiga judiaria da cidade, num edifício que se pensa ter sido a Sinagoga de Elvas e que, enquanto talho, foi utilizado para o abate e comércio de carnes, esta exposição procura não obliterar ou sobrepor-se à história material e simbólica deste espaço. Pelo contrário, assume uma proximidade com a coleção museológica e o seu percurso narrativo, procurando sublinhar o seu lastro primitivo mais provável — a memória do templo judaico e dos seus ritos — para restabelecer, através da arte, uma certa sacralidade sensível do lugar outrora corrompido pela sujidade e pelo sangue de múltiplos animais.

Resgatando a polissemia do termo — enquanto prática de lavagem e ritual de purificação (é assim em diferentes religiões, de diferentes formas e através de vários expe-

dientes), *Abluções* apresenta uma exposição heterogénea, composta por obras onde uma ideia de passagem, renovação, transmissão ou tensão entre estados, matérias e formas, se manifesta ou pode ser ativada continuamente.

Num ambiente que se propõe fluido e íntimo, somos chamados a integrar esta exposição com o nosso corpo, onde a sua performatividade contingente, feita de diálogos, aproximações ou confrontos, é um motor privilegiado para que esta exposição se complete, sem nunca se fechar.

Se o movimento intrínseco da escatologia judaica sempre vislumbrou um mundo vindouro, transcendente e universal, desencadeado por uma ação redentora que consuma e encerra toda a História, *Abluções* não prevê, no entanto, qualquer desígnio de um desenlace total no futuro. Procura, sim, produzir um plano individual e localizado, onde se evite a cisão entre a cultura e a natureza, entre o humano, as suas indicações simbólicas e toda a exterioridade do Real, para afirmar a sua mútua e indistinta interdependência e a sua plena comunhão numa produtividade geral. Um fluxo onde se reconhece uma outra metafísica, onde a realidade material e as suas forças elementares se revelam determinantes. Onde o futuro e o passado integram a experiência do presente, numa poderosa transmissibilidade que se renova a cada momento.

David Revés